Editor: Carlos Alexandre de Souza
carlosalexandre.df@dabr.com.br
3214-1292 / 1104 (Brasil/Política)

NOVEMBRO AZUL

Prevenção masculina

Para tratar o câncer de próstata, o segundo mais letal entre homens, é fundamental a realização periódica de exames

» MARINA DANTAS*
» VITÓRIA TORRES*

O câncer de próstata é o segundo mais frequente entre os homens no Brasil e a segunda maior causa de óbito masculina. De acordo com o Instituto Nacional de Câncer (Inca), são esperados 71.730 casos da doença no triênio 2023-2025, uma estimativa de 67,86 casos a cada 100 mil homens. Em 2019, segundo o Ministério da Saúde, 15.983 homens morreram em decorrência da doença. Na avaliação de especialistas, os números evidenciam a necessidade de um olhar cuidadoso para a saúde da população masculina.

O comerciante Alcenir de Ré, 48 anos, descobriu o câncer em 2022, ao perceber mudanças no corpo. O enfraquecimento do jato urinário foi o sinal de alerta que o levou a procurar um urologista. Após uma série de exames, foi confirmado o diagnóstico de câncer de próstata. A decisão pela cirurgia precisou ser rápida, em razão do estágio avançado da doença.

"O mais certo a se fazer era tirar a próstata. Já não era nem fazer quimioterapia, nem radioterapia. Eu acho que foi o caminho certo a ser escolhido", relata o paciente, que desde então defende a importância de agir prontamente em casos de câncer.

Após a cirurgia, os cuidados de Alcenir em relação à saúde mudaram. Ele destaca a importância de ter consultas mais frequentes e ficar atento a eventuais desconfortos. A experiência do comerciante influenciou os amigos. Eles passaram a fazer exames com mais frequência. O caso dele despertou uma conscientização, de modo a afastar o preconceito e a falta de informação que cercam a saúde masculina, especialmente no contexto do câncer de próstata.

"Eu descobri indo ao médico, pois, sem ir ao médico, ninguém descobre nada. Todo homem deve fazer. Vários amigos meus procuraram saber mais depois que eu tive esse problema", relata Alcenir.

O presidente da Sociedade Brasileira de Urologia (SBU), Alfredo Canalini, afirma que os homens que possuem parentes de primeiro grau com histórico de câncer, homens com obesidade ou sobrepeso, com índice de massa corporal acima de 35 são mais propensos a manifestar câncer de próstata. Entre homens negros, o câncer tem mais propensão a existir, porém o doutor explica que a questão "não é um fator comportamental e nem social; é um fator genético e hereditário".

Sintomas

O câncer de próstata é mais frequente em homens idosos, porém, há casos em que a doença se manifesta em jovens, geralmente pertencentes ao grupo de risco. A recomendação da SBU é de que homens pertencentes a grupos propensos façam exames preventivos e de diagnóstico precoce a partir dos 45 anos. Para aqueles que não possuem predisposição, recomenda-se a consulta periódica a partir dos 50 anos.

"Nós aconselhamos que os homens mais jovens comecem a se prevenir com os exames desde cedo, pois o câncer nesse grupo tende a ser mais agressivo. Porém, o tumor que aparece em homens acima de 75, 80 anos, geralmente é um tumor muito mais indolente, menos agressivo e que não tem grandes riscos de matar o paciente", explica o médico.

Entre os principais sintomas do câncer de próstata estão as dores provocadas pela dificuldade de urinar; a presença de sangue na urina; e a diminuição do jato de urina. Em casos de metástases, são frequentes dores nos ossos.

Os exames que possibilitam o acompanhamento e a possível descoberta da doença são o toque retal, a ressonância magnética e os níveis de dosagem do Antígeno Prostático Específico (PSA) — enzima fabricada pela próstata e lançada na corrente sanguínea. "Nos pacientes que têm câncer de próstata, essa enzima tende a aumentar a concentração no sangue. Porém, é importante ressaltar que nem todo o paciente que tem o PSA aumentado é necessariamente portador de um câncer de próstata, pois o aumento isolado não firma o diagnóstico, assim como o toque retal isolado tampouco diagnostica sozinho", diz Canalini.

Para firmar o diagnóstico, é preciso que todos os exames sejam feitos em sequência. "Após os exames, o próximo passo é a biópsia do nódulo que eventualmente foi detectado", complementa o presidente da SBU.

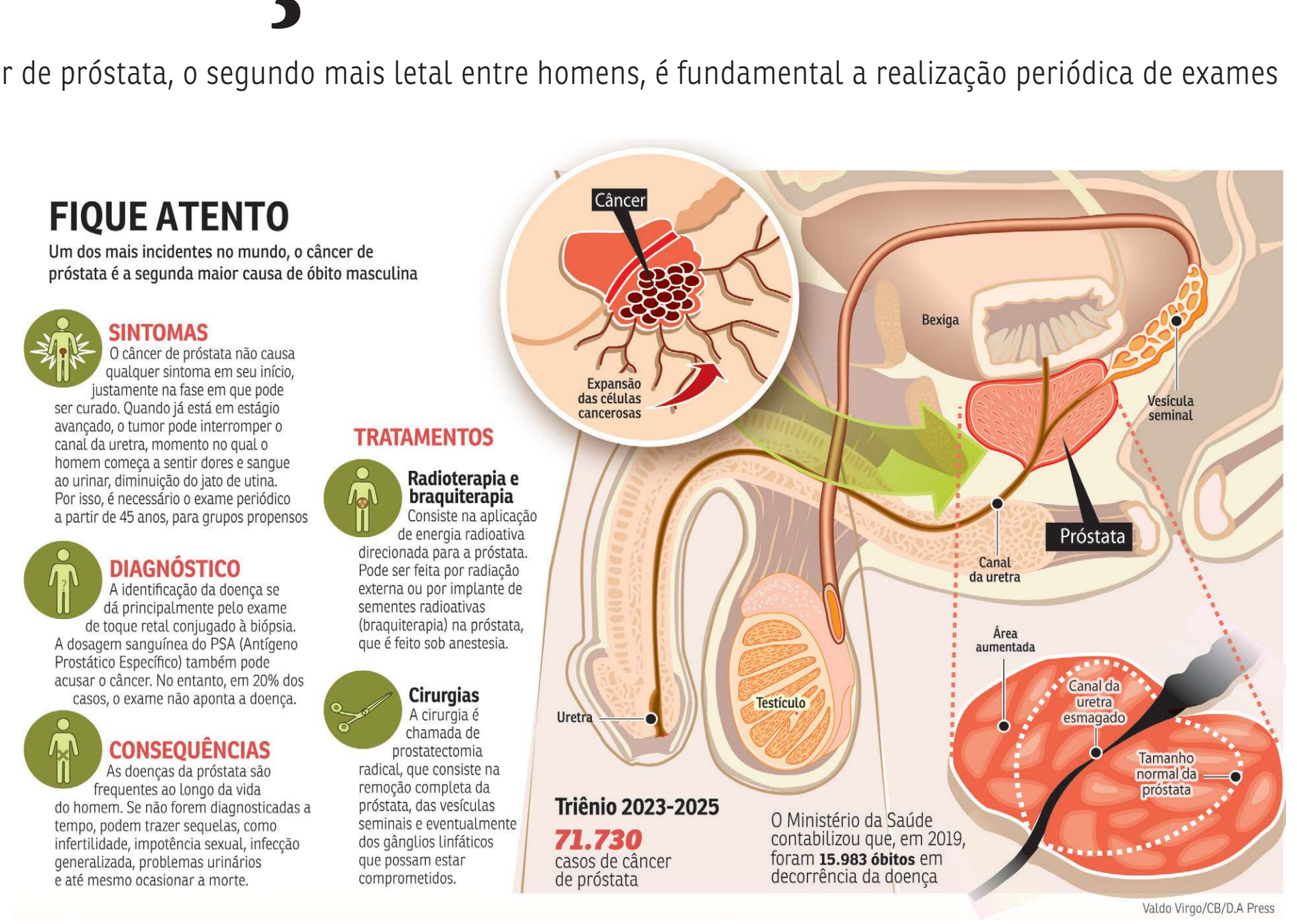
A periodicidade dos exames depende do perfil do paciente e do nível de PSA que ele apresenta. Esses fatores vão definir se o acompanhamento necessita ser realizado com maior frequência, em decisão conjunta entre o urologista e o paciente.

"Um homem que apresenta um PSA baixo, um toque retal normal, não tem histórico familiar, não é negro nem obeso, pode verificar com seu médico o período que ele tem que fazer avaliação", esclarece o especialista. "Pode ser a cada ano, pode ser a cada dois anos. Já para os homens que são do grupo de risco, é aconselhável que o acompanhamento seja feito de maneira mais frequente para que o médico consiga entender a evolução dos exames através dos anos", reitera Canalini.

O médico reforça que a postura preventiva é essencial. "É necessário que o paciente faça os exames mesmo sem sintomas, porque, quando o câncer é localizado ainda em uma fase inicial, as chances de cura chegam a 90%", afirma.

Todas as modalidades de tratamento são oferecidas, pelo Sistema Único de Saúde (SUS), segundo o Ministério da Saúde.

***Estagiárias sob a supervisão de Carlos Alexandre de Souza**



Valdo Virgo/CB/D.A Press

PRECONCEITO

"Acabou comigo", diz Vilma Nascimento sobre racismo sofrido

» MARIA CLARA ABREU*

Personalidade do samba e conhecida como Cisne da Passarela da Velha Guarda da Portela, Vilma Nascimento se ressente do ato de racismo sofrido na última terça-feira na capital federal. O episódio ocorreu na loja Dufry Duty Free Shop do Aeroporto de Brasília, após Vilma ser homenageada na Câmara dos Deputados no Dia da Consciência Negra, segunda-feira.

"Foi decepcionante. Porque num dia foi uma maravilha, aí o outro dia acabou comigo. Mas ainda aguardo a lembrança da homenagem que recebi. Foi válida", conta a pioneira, em entrevista ao **Correio**.

A experiência traumática veio horas depois da homenagem. No aeroporto, antes de embarcar para o Rio de Janeiro, Vilma e a filha, Danielle Nascimento, entraram em uma unidade da Dufry para comprar presentes. Enquanto a filha fazia a compra, Vilma ficou passeando pela loja.

"Fiquei vendo os perfumes, tinha uma moça me acompanhando, porque eu não enxergo muito, então ela estava vendo o preço para mim. Aí minha filha me chamou e disse 'Nós vamos embora. Quer comprar alguma coisa?' Eu disse que não. Ela pagou o que comprou e nós saímos", conta.

Ao se dirigirem para uma lanchonete, mãe e filha foram abordadas pela segurança da loja. "Cheguei até a pensar que minha filha ia comprar mais alguma coisa, então entrei atrás dela. Aí ela vai e pede à minha filha para mostrar a bolsa", conta Vilma. "Minha filha perguntou a ela o porquê, mas antes de ela responder, minha filha escutou a segurança se comunicando com alguém no rádio, que disse: 'Não, não revista essa, revista essa senhora aí', que era eu, era para revistar a minha bolsa", relata Vilma. "Ela virou e pediu para que eu mostrasse a minha bolsa, mandou eu abrir a bolsa no meio da loja, com pessoas lá também vendo, olhando para gente. Maior vergonha", desabafa a porta-bandeira.

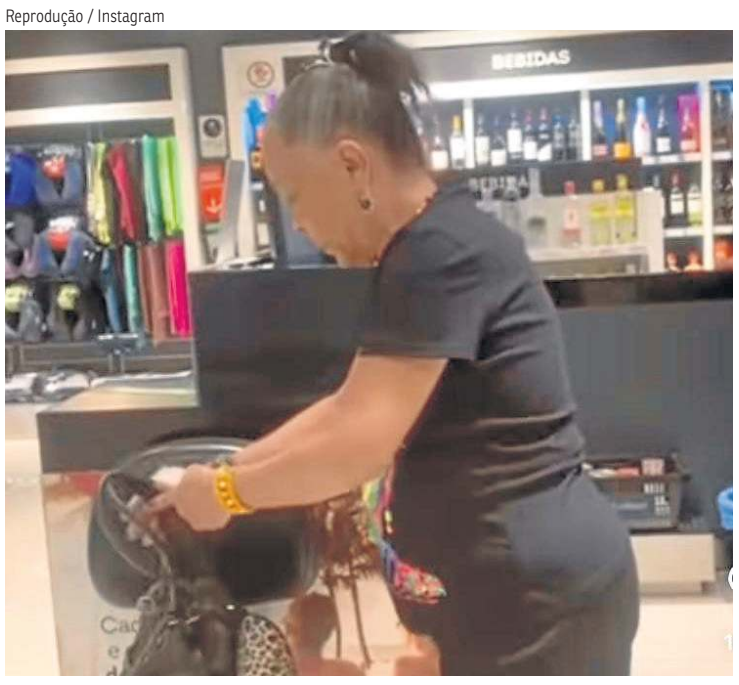
Depois de revistar Vilma e avisar pelo rádio que não havia encontrado nada, a segurança recebeu a ordem de revistar Danielle, que exigiu a presença da polícia. "E nada de eles chamarem a polícia, já estava na hora da gente entrar no avião. Eles não chamaram a polícia porque não era interessante para eles", conta a porta-bandeira.

Vilma afirma que é preciso denunciar. "Não tenham vergonha. Escancarem. Procurem por seus direitos. Façam escândalo. Porque nós, unidos, temos que acabar com isso", enfatiza.

Em nota, a Dufry informou que afastou a funcionária. A Inframérica, administradora do aeroporto, lamentou o episódio. A Secretaria Nacional do Consumidor (Senacon), do Ministério da Justiça, notificou a concessionária, cobrando esclarecimentos.

***Estagiária sob a supervisão de Nahima Maciel**

Reprodução / Instagram



Vilma Nascimento abre a bolsa no Aeroporto JK: "Maior vergonha"

LITERATURA

Na Flip, enfermeira do SUS conta histórias da periferia brasileira

» LARISSA GUIMARÃES
» ESPECIAL PARA O CORREIO

Paraty (RJ) — Moradora da periferia de São Paulo e com uma rotina puxada, a assistente de enfermagem Lilia Guerra chegou longe: tornou-se uma escritora prestigiada, com reconhecimento na 21ª Festa Literária Internacional de Paraty (Flip). Seu livro, *O céu para os bastardos*, elogiado pela crítica, retrata o cotidiano da periferia brasileira.

Boa parte do rico universo de personagens criados por Lilia surgiu no caminho de casa para o trabalho, ou seja, dentro do ônibus. "Eu comecei assim. Às vezes, as pessoas falam: 'olha lá, a escritora do ônibus'", explicou a autora e servidora pública de 47 anos.

Na quinta-feira, Lilia foi a convidada Casa República.org. Para uma plateia que lotou um dos casarões do centro histórico de Paraty, a autora contou um pouco da vida pessoal e do trabalho como escritora.

Quando estava no ônibus, Lilia levava material para escrever; utensílios de crochê; um livro; fone de ouvido; e até material de estudo, no período em que se preparava para ingressar no serviço público. "Pegava o trem, abria o livro nas costas do mais alto e falava: 'Licença, moço, vou colocar meu livro nas suas costas'. E ali eu ia fazendo as coisas. A gente se habitua a fazer", explicou.

Além de *O céu para os bastardos* (editora Todavia), Lilia Guerra escreveu o livro de crônicas *Perifobia* e os romances *Rua do Larguinho* e *Amor Avenida*, todos publicados pela Editora Patuá.

Divulgação

Lilia Guerra: personagens inspirados na realidade de SP